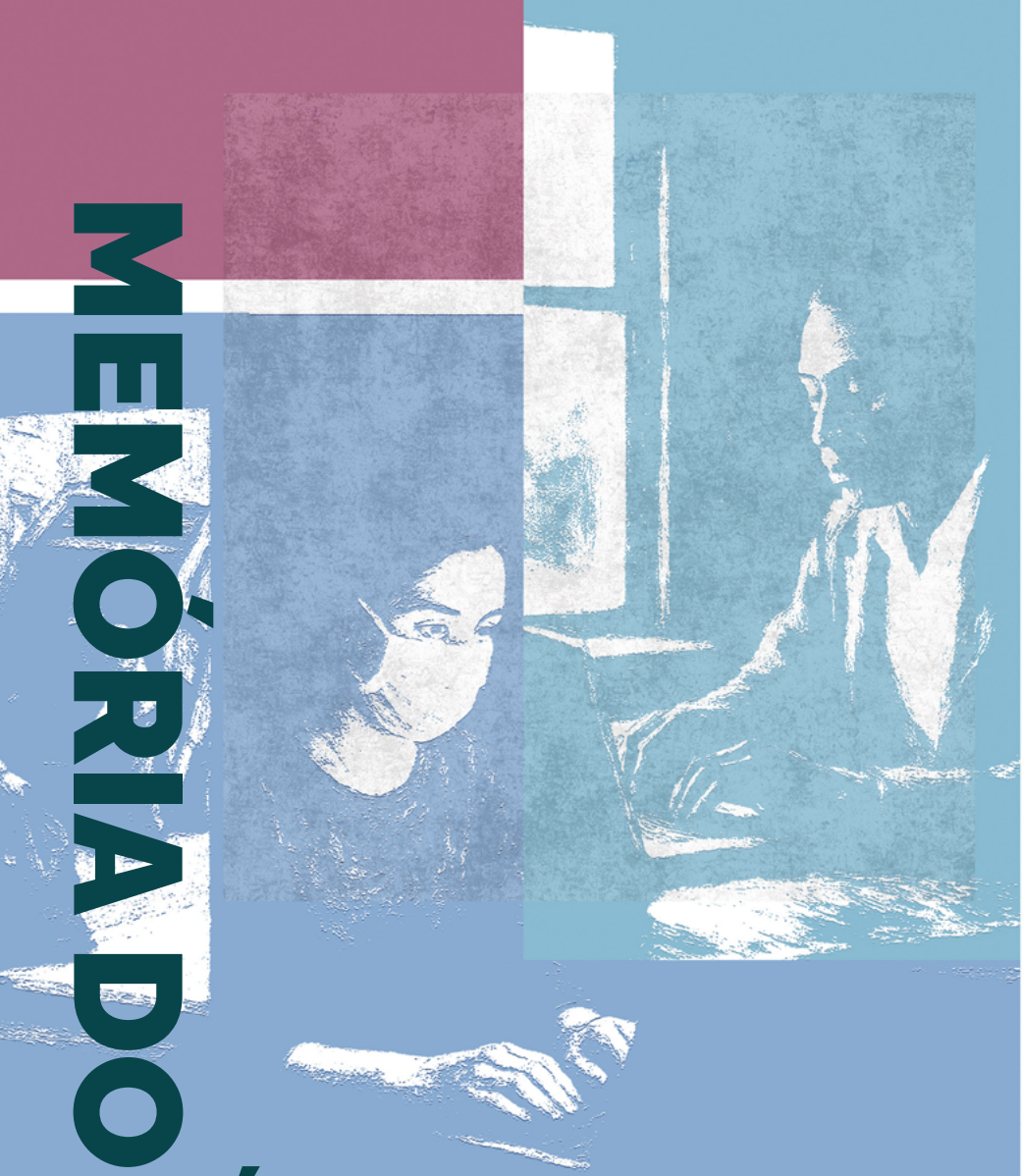
MEMÓRIA DO OFÍCIO DOCENTE

na Pandemia do Covid-19









FERNANDA SPANIER AMADOR
MARIA CAROLINA DE ANDRADE FREITAS
MARIA ELIZABETH BARROS DE BARROS
FABIO HEBERT DA SILVA
(Orgs.)

pimenta cultural

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M533

Memória do Ofício Docente na Pandemia de Covid-19 / Organização Fernanda Spanier Amador... [et al.]. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2026.

Demais organizadores: Maria Carolina de Andrade Freitas, Maria Elizabeth Barros de Barros, Fabio Hebert da Silva.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-506-0
DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-506-0

1. Memória. 2. Ofício Docente. 3. Pandemia de Covid-19. 4. Narratividade. 5. Clínicas do Trabalho. I. Amador, Fernanda Spanier (Org.). II. Freitas, Maria Carolina de Andrade (Org.). III. Barros, Maria Elizabeth Barros de (Org.). IV. Silva, Fabio Hebert da (Org.). V. Título.

CDD 371.102

Índice para catálogo sistemático:
I. Educação – Prática Docente
II. Pandemia - Covid-19
Simone Sales • Bibliotecária • CRB: ES-000814/O

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2026 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2026 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).
Os termos desta licença estão disponíveis em:
<*https://creativecommons.org/licenses/*>.
Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.
O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	Paulo Carim Bevilacqua
Tipografias	Acumin, Raleway, Gloria Hallelujah
Revisão	Milena Domingos
Organizadores	Fernanda Spanier Amador Maria Carolina de Andrade Freitas Maria Elizabeth Barros de Barros Fabio Hebert da Silva

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

2026







5

Fernanda Spanier Amador
Maria Elizabeth Barros de Barros
Maria Carolina de Andrade Freitas
Jéssica Prudente

PESQUISAR "O QUE NÃO SE SABE" E "POR CAMINHOS QUE SE DESCONHECE":

A METODOLOGIA DA PESQUISA EM EXPERIMENTAÇÃO[1]

1 As autoras deste capítulo contaram com financiamento do Edital Universal CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021/ Processo CNPq 409825/2021-2 e Edital nº 01/2022 PROGRAMA INSTITUCIONAL DE APOIO À PESQUISA – PAPQ/UEMG. E atualmente financiamento do Edital PIBIC 004/2025 - PROPESQI Pró-reitoria de Pesquisa e Inovação da Universidade Federal de Pernambuco com bolsa de iniciação científica.

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-506-0.5





SUMÁRIO



A pandemia de Covid-19 não provocou apenas a criação de novas estratégias no ofício docente, mas também no ofício da pesquisa. Afinal, em tempos de confinamento e distanciamento social produzir conhecimento no âmbito clínico do trabalho, o que costumeiramente ocorre em situações de coanálise dos processos de trabalho, tornara-se um desafio.

Na inspiração de Deligny (2007), pusemo-nos a pensar em como produziríamos um território, traçando entre nós, equipe pesquisadora e docentes, um corpo pensante e agente no âmbito da experiência do trabalho como atividade. Em meio a tantas redes que se formavam em profusão naqueles dias, almejávamos fazer rede com professoras e professores que se dispusessem a nos contar histórias de trabalho na pandemia, bem como a conversar conosco sobre e a partir delas. E para tanto, colocamo-nos também a fomentar uma rede de pesquisadoras e pesquisadores que acabaram por reunir inicialmente três, totalizando mais tarde quatro universidades públicas brasileiras, a saber: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

O território movente da pesquisa iniciava a ser desenhado ainda no ano de 2020, vindo a ter aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia, Serviço Social e Comunicação Humana (IPSSCH/UFRGS) em 10 de novembro do mesmo ano. Território movente, pedia durante a pandemia esforços adicionais.

Sendo assim, a metodologia que caracteriza toda pesquisa, pensamos, mas que especialmente durante a pandemia apresentou-se como tarefa marcada por intensa variabilidade de maneira que a análise de implicação requerida em qualquer pesquisa que se afirma pela análise institucional necessitou de uma espécie de coragem para correr os riscos da gestão do trabalho naquela situação (CLOT, 2010a), gestão de um trabalho inusitado de fazer pesquisa





SUMÁRIO



clínica do trabalho via meios digitais e via um grupo de inicialmente 25 pesquisadoras e pesquisadores, entre docentes e estudantes de graduação e pós-graduação espalhados por quatro estados brasileiros, foi sendo percorrida e traçada. Por uma espécie de cartografia da própria metodologia, ou de análise da própria pesquisa enquanto atividade, isto é, de tudo aquilo que fizemos, que deixamos de fazer, que pensamos em fazer e executamos, bem como do que pensamos em fazer e declinamos, dos sucessos e dos fracassos experimentados ante a expressiva gama de infidelidades do meio à época, fomos dando consistência a um projeto de investigação que nos exigiu a colocação de novos problemas pelo percurso, inclusive no que tange às estratégias metodológicas da pesquisa.

Retomando Deligny (2015) e sua ideia de tentativa, a qual se refere a uma espécie de posição radical a se tomar, como algo próximo de uma obra de arte, no sentido em que ela deve fabricar um método que desvie o "fazer como" (Miguel, 2015), tratou-se, em nosso ponto de vista, de embarcar em uma experiência metodológica atípica para nós até ali. Como "fazer a pesquisa" sem "fazer como se fazia" até então?

Nesse sentido, a ideia de tentativa Deligny (2015) também convoca a discussão sobre a ignorância, de Rancière (2010). O autor atualiza a história de Jacotot, pedagogo francês exilado nos Países Baixos em 1789, que tem como desafio construir um meio com estudantes holandeses: Jacotot não sabe falar holandês e os estudantes não sabem falar francês. A partir de um plano comum, um livro com tradução nos dois idiomas, os estudantes aprendem entre si, sem nenhum ensinamento formal da língua francesa. O que aparece como potência é a vontade de aprender, e não as regras formais do ensino da língua.

Três questões aparecem como vetores do aprendizado, em "O mestre ignorante" (Rancière, 2010): a experiência, e não a verdade da razão; a primazia da igualdade, tanto da ignorância quanto do





SUMÁRIO



conhecimento; e a vontade de aprender, a potência, como movimento dessa experiência.

O autor convida-nos a apostar em um processo como um meio sem fim, pois se o aprendizado é da ordem da experiência – no sentido foucaultiano, daquilo que transforma e não se resume ao vivido – não se conhece o objetivo de forma antecipada. A premissa da ignorância, a respeito do conhecimento e do processo, nos lança em uma experiência da pesquisa que vai sendo construída no ato de pesquisar, a partir do desejo de inventar novos modos de viver e de conhecer, em ato. "Chamemos de atenção o ato que faz agir essa inteligência sob a coerção absoluta de uma vontade. [...] a potência não se divide" (Rancière, 2010, p. 46-47), o que nos conduz a uma inseparabilidade entre viver, conhecer, pesquisar, tentar e ignorar, como da ordem da potência, e, portanto, da ação.

A DIALOGIA E A CARTOGRAFIA EM CLÍNICA DA ATIVIDADE

As metodologias das distintas abordagens clínicas do trabalho tendem a privilegiar a palavra e a escuta de trabalhadoras e trabalhadores. Em clínica da atividade (Clot, 2006; 2010b), abordagem-chave das análises mobilizadas nesta pesquisa, também. Delas, da palavra e da escuta, derivamos neste capítulo para colocar acento no caráter dialógico e cartográfico da pesquisa.

Tedesco e Pinheiro (2016), em texto dedicado à dialogia em clínica da atividade, sinalizam que é por ela que a dimensão da subjetividade, no que tange ao trabalho, é alcançada. Subjetividade que interessa levar em conta justamente no ponto de encontro com a atividade produtiva, que é tomada como constitutiva dessa mesma subjetividade. Interessa, então, a dimensão narrada do trabalho que





SUMÁRIO



indica as reconfigurações, as diferenciações que marcam as ações, os aspectos que ultrapassam as representações funcionais do trabalho; sendo neste percurso que cuidar da saúde de quem trabalha implica reconhecer que são essas pessoas as profundas conhecedoras de seu processo e capazes de desdobrá-lo em outros possíveis. Vale lembrar, contudo, que tais possíveis necessitam atingir um critério de trabalho bem-feito (Clot, 2010) enquanto fonte de saúde, critério esse que não pode ser definido em outro lugar[2] senão naquele habitado e protagonizado pelas próprias pessoas que trabalham.

A coanálise do trabalho é o caminho[3], e a dialogia bakhtiniana torna-se a referência da qual se destaca a ideia de "multiplicidade polifônica" (Tedesco; Pinheiro, 2016; p. 192) como peça-chave para acesso da articulação subjetividade/atividade. Tal dimensão da polifonia define o diálogo para Bakhtin (2003), o qual passa então a ser entendido como multiplicidade de vozes heterogêneas, sendo contornado pela divergência e pelo dissenso. São elas, divergência e dissenso, que movimentam a processualidade dialógica, "a vida começa apenas no momento em que uma enunciação encontra outra" (Bakhtin, 1979, p. 179).

Assim, no percurso da pesquisa enquanto escutávamos professoras e professores nas Rodas de Conversa, bem como enquanto

2 Esta dimensão refere-se ao fato de que não se trata de "melhorar" o processo de trabalho e o trabalho feito a qualquer custo. Ele precisa atender os critérios éticos e estéticos de quem realiza o trabalho, e não exatamente de quem de fora dos desafios concretos do trabalho poderia vir a defini-los, tais como os setores diretivos e/ou de instâncias gestionárias do trabalho distantes das dramáticas dos usos de si experimentadas por aquelas e aqueles que se veem em situação de trabalho, diante de um destino a viver (Schwartz, 2004).

3 Em clínica da atividade são empregados dois dispositivos principais para promover coanálise de processos de trabalho, a saber *Instrução ao Sósia* que consiste em um método pelo qual um trabalhador ou trabalhadora instrui um colega a respeito do modo como deve fazer o seu trabalho, criando assim espaço para que a pessoa instruída faça perguntas que acabam por abrir os possíveis operatórios, e *Autoconfrontação Simples e Cruzada* que implica na produção de material videografado de trabalhadoras e trabalhadores em situação de trabalho e de comentários junto ao pesquisador clínico do trabalho, bem como junto aos colegas de ofício (Clot, 2006). Além destes métodos outros vêm sendo propostos, tal como os presentes nos trabalhos de Osorio (2010), Teixeira e Barros (2009), e Amador (2011).





SUMÁRIO



líamos suas histórias postadas na plataforma da pesquisa (https://www.ufrgs.br/memoriadooficiodocente/)[4], colocávamos acento em uma espécie de pluralidade de sentidos emergentes por entre os ditos, interessávamo-nos pelas variações que se insinuavam por entre as palavras, visando, com este procedimento, encostar em uma espécie de indeterminação do dizer, a qual por sua vez dizia de uma abertura de possíveis para o trabalho na pandemia. Era em seu titubeio que uma miríade de novos sentidos para aquilo que se experimentava no trabalho encontrava território fértil.

Na tarefa de acompanharmos o que pela linguagem materializa uma experiência, no e pelo trabalho, absolutamente variável e inusitada, tal como a da pandemia ainda que tal dimensão diferenciante esteja sempre presente nas situações "ordinárias" de trabalho, vimo-nos diante do desafio de uma cartografia dos dizeres e foi assim que a dimensão metodológica que chamamos dialógico-cartográfica se assumiu na pesquisa.

Pela clínica da atividade "percorrem-se os esforços de vida de trabalhadoras e trabalhadores frente aos imprevistos e, por vezes, obstáculos do real do trabalho, na tentativa de fazer outra coisa diferente do que fazem de hábito" (Amador, 2019, p. 135). Deste modo, foi preciso atentar, sobremaneira, para o acompanhamento da emergência de um modo de dizer isso que de diferença emergia enquanto ato do trabalho, entendendo que não há dicotomia entre de um lado o trabalho e de outro o dizer sobre ele. Do ponto de vista clínico do trabalho é justamente por este ponto de inflexão no qual emerge "um trabalho e um dizer o trabalho" que nos interessamos, o que converge com a ideia de Rancière (2010) de indivisibilidade da potência.

Interessando à clínica da atividade uma análise dos deslocamentos que se referem a uma peculiar dinâmica afetiva envolvida no plano dos devires no e pelo trabalho, é a transformação das situações

4 Ver detalhes e imagens da plataforma criada para a pesquisa no capítulo intitulado *Tecnologias Digitais na Pandemia: novas medialidades no pesquisar em Clínicas do Trabalho*, neste livro.





SUMÁRIO



implicadas na gestão do trabalho como atividade que está no foco da investigação. Desta maneira, foi por uma cartografia implicada na experiência dialógica da experiência do trabalho docente e da experiência de coanálise do trabalho pela pesquisa que andamos.

CRIANDO "MEIOS" PARA "PRODUZIR MEIO": DISPOSITIVOS DIGITAIS DA PESQUISA E PRODUÇÃO DE DEMANDA DE ANÁLISE

Pesquisar a experiência do trabalho como atividade tendo as tecnologias digitais como medialidade foi nosso desafio principal. Dele, novos desafios se colocaram, dentre os quais destacamos as distintas relações de membros da equipe pesquisadora com tais recursos, bem como o inusitado da situação de propormo-nos a realizar uma escuta da atividade por tais meios.

A equipe pesquisadora formou-se a partir da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do grupo de pesquisa *n-pista(s) – Núcleo de Pesquisas Instituições, Subjetividade e Trabalho em Análise(s)*, somando-se às Universidades do Espírito Santo (UFES) via o *NEPESP – Núcleo de Pesquisas em Subjetividade e Política*, a Universidade Federal Fluminense (UFF) pelo *NUTRAS – Núcleo de Estudos e Intervenção em Trabalho, Subjetividade e Saúde* e a Universidade do Estado de Minas Gerais via *NEPECS – Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Subjetividade*. Pela UFRGS, em colaboração, vinculou-se o *NUCOGS – Núcleo de Ecologias e Políticas Cognitivas*. Ainda em colaboração, vinculou-se ao projeto por um período inicial, professora-pesquisadora aposentada da UFF com o objetivo de realizar uma espécie de acompanhamento da equipe,





SUMÁRIO



a fim de favorecer os processos de análise de implicação da equipe ao longo do processo.

A função realizada por tal professora-pesquisadora em determinado momento foi desativada e a tarefa analítico-implicacional continuou assumida pela equipe ao longo de suas análises durante o processo da pesquisa. Uma das razões pelas quais foi esse o curso das coisas, pareceu referir-se ao próprio caráter inusitado da situação de pesquisar com medialidades tecnológicas no campo clínico do trabalho. Tratava-se de um percurso inédito para a equipe, percurso esse marcado por constantes idas e vindas, entendimentos e (des) entendimentos, errâncias por um processo para o qual tínhamos poucos recursos oriundos de um gênero profissional de pesquisa no campo diante das infidelidades do meio[5] que enfrentávamos.

Por vezes a compreensão de que os recursos digitais seriam apenas uma via de acesso ao objeto da pesquisa diferente do habitual nas análises em clínica da atividade, este parecia ganhar força entre a equipe. Por outras, tinha-se presente a ideia de que a medialidade tecnológica mudava radicalmente a própria experiência analítica de modo que necessitaríamos atentar para a potência do próprio meio digital para promover análise. Dito de outro modo, os recursos tecnológicos não eram apenas um meio possível para fazer a pesquisa da experiência do trabalho como atividade, eles modificariam a própria experiência do trabalho analítico, tanto dos docentes com atuação nas escolas envolvidos na pesquisa, bem como das pesquisadoras e pesquisadores da equipe com atuação nas universidades.

Dentre os tantos desafios que enfrentamos, destacamos a necessidade de gerir as variações de expertise nos recursos digitais por parte da equipe pesquisadora. A partir desse e a ele ligado, vimo-nos diante de outro desafio: o de produzirmos um coletivo

5 O meio é "infiel", nos diz Canguilhem. E "sua infidelidade é exatamente seu devir, sua história" (Canguilhem, 1990, p. 149). Ser saudável implica ser tolerante à infidelidade do meio e ser tolerante à nossa própria infidelidade.





SUMÁRIO



de trabalho mediante um trabalho coletivo[6], pela própria equipe de pesquisa. Afinal, lançávamos a uma experiência em meio ao agito e calor do momento de vermo-nos confinados e isolados, tentando dar conta de um problema que se apresentava de modo contundente exigindo de nós intensa criação de meio para um trabalho de pesquisa naquele momento.

Foi assim que necessitamos, enquanto equipe de pesquisa, deslocarmo-nos de uma compreensão de erro na pesquisa para acolher a errância de um processo ao darmo-nos conta de que o problema de pesquisa, inicialmente voltado para o trabalho docente na educação básica durante a pandemia, necessitaria ampliar-se para o próprio trabalho de pesquisa clínica do trabalho na pandemia. O que fazia problema à equipe? O fato de que professoras e professores nas escolas estavam necessitando de emprego maciço de tecnologias digitais transformando seu ofício? Seguindo esse rastro, qual seria o lugar da mediação tecnológica no trabalho de pesquisa?

A essa altura já tínhamos muito evidente que pesquisar o trabalho docente como atividade colocava desafios peculiares à análise do trabalho de pesquisa naqueles dias pandêmicos e foi assim que percebemos estar transitando por tênues linhas que envolviam tecnologia, subjetividade, cognição, trabalho docente e trabalho de pesquisa. A este último respeito, as tecnologias na pesquisa tornavam-se via não para fazer o mesmo em termos clínicos do trabalho e sim como medialidade que envolvia um peculiar agenciamento

6 Coletivo de trabalho refere-se a um processo permanente de constituição de grupalidade. Trata-se de um grupo com "capacidade de se transformar... fazer emergir um território existencial não mais da ordem do individual (seja aqui de um indivíduo ou de um grupo), mas da ordem do coletivo." (Clot, 2007, p. 132). Para Yves Clot, o coletivo de trabalho é o conjunto vivo de relações e saberes que permitem que um grupo de trabalhadores regule, crie e recrie a maneira como o trabalho é realmente feito, sustentando tanto a saúde quanto a qualidade do trabalho. Já o trabalho coletivo diz de uma atividade concreta realizada entre várias trabalhadoras/es, quando há coordenação de ações e negociação em tempo real para resolver problemas e produzir resultados. Pode envolver ajustes improvisados para lidar com situações imprevistos, permitindo, assim, que a tarefa aconteça de forma eficiente.





SUMÁRIO



humanos-escola-tecnologia na análise. Foi assim que a tecnologia passou a compor o próprio plano problemático da pesquisa uma vez que operar as máquinas coloca quem trabalha em outro regime de produção e em outra modalidade relacional.

Além da criação da plataforma digital, realizamos Rodas de Conversa pelo Google Meet com três grupos distintos, totalizando dez (10) encontros com uma hora de duração, em média, as quais nos fizeram colocar novas questões metodológicas no curso da pesquisa: como pensar a dimensão do encontro no mundo virtual que se impôs ao trabalho de docentes e à prática de análise da atividade também? Como a dialogia se daria pelos meios digitais? Afinal o Google Meet não permite assistir os corpos em movimento, as reações de uns e outros, os sinais corporais importantes ao fluxo do diálogo. E ainda: como considerar as constantes quebras no fluxo da conversação analítica dos processos de trabalho geradas pelas limitações dos dispositivos tecnológicos, tais como quedas de rede e dificuldades de áudio e imagem?

Durante o processo outras tecnologias foram requeridas no processo, como o Whatsapp, por exemplo. Este último abrigando comentários e conversas geradas enquanto material de pesquisa frequentemente configurou um ambiente da pesquisa cujas indagações éticas mereceram considerações. Afinal, com a velocidade de propagação de mensagens via esse meio, haveríamos de atentar para o destino destas, bem como para o devido registro de materiais importantes às análises e considerações pela pesquisa.

Outro desafio relevante que enfrentamos diz respeito a como produzir desejo no campo social para uma pesquisa dedicada à experiência do trabalho em meio a uma crise pandêmica, como produzir uma demanda de análise junto a professoras e professores naquela situação que vivíamos. Contrário do que se pensa, não somos nós que escolhemos o tema da pesquisa e sim, é o tema que nos escolhe. Assim sendo, pesquisar trabalho docente na pandemia





SUMÁRIO



era um desejo de professoras e professores que, no ofício da pesquisa, viram-se tocados pelas problemáticas da época. Angustiadas e angustiados com o que se passava, colocaram-se a pensar em uma pesquisa que pudesse se oferecer como meio para conversa e cuidado junto a professoras e professores da educação básica. Muitas demandas à época chegavam solicitando de docentes universitários que entrassem em linhas de frente de cuidado na pandemia e, assim, em meio a essas forças nasceu o nosso projeto de investigação.

Pensávamos que as pessoas queriam e precisavam conversar e essa não era uma impressão equivocada. Contudo, a profusão de comunicação via dispositivos digitais que invadiam os espaços das casas, dos trajetos possíveis e necessários naqueles dias, foi produzindo uma sensação de excesso. E esse excesso acabou por desenhar uma peculiaridade relacional na e pela pesquisa que por um lado gerou adesão das pessoas, sobretudo nas Rodas de Conversa, sem, contudo, possibilitar uma extensão destas no tempo sendo frequente que as professoras e professores definissem para quantos encontros estariam dispostos. Outro aspecto que nos parece importante ressaltar foi o cuidado requerido nas situações de Roda de Conversa tendo em vista que cabia a nós, equipe pesquisadora, acolher na perspectiva de um cuidado pela pesquisa, a experiência radical de ver-se diante de um trabalho que não se fazia de modo habitual, ainda que premido por exigências da população e de segmentos da gestão pública para que continuassem trabalhando "quase como se fosse" em situação habitual. Interessava-nos não responder ao tempo da produtividade e sim instaurar um espaço marcado por uma postura atencional ao presente da experiência laboral naqueles dias. Postura essa que diz de uma convocação ao agir, por um exercício de atenção ao presente. De acordo com Rancière, "a inteligência é atenção e busca, antes de ser combinação de ideias. A vontade é potência de se mover, de agir segundo movimento próprio, antes de ser instância de escolha" (Rancière, 2010, p. 83). A atenção, desse modo, é provocada pela potência de seguir





SUMÁRIO



em movimento, no e pelo trabalho do pensamento que se tece em meio aos processos de viver e conhecer.

Do ponto de vista do caráter interativo da plataforma da pesquisa que foi gerada para a pesquisa, também essa se mostrou com impacto menor do ponto de vista da interação conversacional, em relação ao que vislumbramos no início quando almejávamos criar, por ela, uma certa experiência em coletividade notadamente pela disponibilização de *link* junto ao espaço para envio das narrativas para possibilitar interatividade.

Considerando que a pesquisa de análise do trabalho como atividade requer que o problema de pesquisa seja partilhado entre quem pesquisa e quem é participante desta, como docentes no caso de nossa investigação, a produção de demanda de análise por parte das professoras e professores que se envolveram no processo apresentou movimentos peculiares. Alguns grupos chegaram até a equipe pesquisadora manifestando desejo de participação, enquanto outros foram convidados. Em ambas as situações, tivemos presente que a demanda de análise não está produzida de uma vez por todas, e sim que ela precisa ser permanentemente relançada, alimentada pelo próprio processo analítico. Contudo, destacamos uma situação interessante: um dos grupos que se formou por busca espontânea manifestava no pedido o desejo de que participar da pesquisa auxiliasse na produção de políticas públicas no âmbito da saúde de trabalhadoras e trabalhadores.

O que sustenta uma demanda de análise? A colocação de problemas e mais do que isso, a disposição para durar neles. Na inspiração de Donna Haraway (2023) ficar com o problema é, parece-nos, a própria condição para a análise. Diz a autora:

> Nossos tempos confusos transbordam de dor e alegria – com padrões vastamente injustos de dor e alegria, com matanças desnecessárias da continuidade, mas também com o necessário ressurgimento. A missão é formar





SUMÁRIO



> parentescos em linhas de conexão inventivas como uma prática para aprender a viver e morrer bem uns com os outros em um presente espesso. Nossa tarefa é criar problemas, suscitar respostas potentes a eventos devastadores, e também acalmar águas turbulentas e reconstruir lugares tranquilos. Em tempos de urgências, é tentador abordar os problemas como quem procura assegurar um futuro imaginado, impedindo que algo que paira no futuro aconteça, colocando o presente e o passado em ordem, a fim de criar futuro para as próximas gerações. Ficar com o problema não requer esse tipo de relação com esses tempos que chamam de futuro. Na realidade, ficar com o problema requer aprender a estar verdadeiramente presente; não como um eixo que se desvanece entre passados terríveis ou edênicos e entre futuros apocalípticos ou salvadores – mas como bichos mortais entrelaçados em uma miríade de configurações inacabadas de lugares, tempos, matérias, significados (Haraway, 2023, p. 09).

Estar verdadeiramente no presente pandêmico era habitar, do ponto de vista clínico, o inacabamento do trabalho. Habitá-lo produzindo território existencial[7] enquanto se experimentava a análise dos desafios do trabalho como atividade. Inacabamento característico do trabalho tomado enquanto atividade, prenhe de novas configurações virtuais[8], uma vez que entre um ato e outro do trabalho situa-se o gesto. Gesto que entendemos é da ordem daquilo que se suporta, daquilo que cria meios sem, necessariamente, implicar agir ou fazer (Agamben, 2008). Indo, por vezes, do ato consumado à

7 Território existencial – na concepção guattariana (Guattari; Rolnik, 1996), não se trata apenas de um espaço físico ou geográfico. É um espaço vivido, feito de relações afetivas, sensoriais, simbólicas e práticas que sustentam a existência de um sujeito ou de um coletivo. Onde a pessoa se reconhece, se orienta e encontra consistência para viver – uma espécie de "base" subjetiva. Sujeitos e grupos constroem seu território a partir de suas experiências e conexões. Pode se ampliar, se transformar ou se perder, dependendo dos encontros e das rupturas que se experimenta no viver. Um território existencial dá consistência à subjetividade, fornece uma espécie de "chão" para que o sujeito se sinta ancorado e permite processos de singularização, o sujeito cria modos próprios de viver e se expressar.

8 O sentido de virtual aqui empregado é oriundo da filosofia e refere-se ao proposto por Deleuze e Parnet (1998). Trata-se de forças em curso de atualização, envolvidos na produção de realidades.





SUMÁRIO



medialidade que levou até ele, por outras, indo da perplexidade, do *nonsene* e da névoa de hesitações para agir ao ato do trabalho que se consumou, nossas análises andaram rente onde os problemas, no e para o trabalho, foram colocados por professoras e professores durante a pandemia nas mais diversas situações que viveram e que compartilharam conosco, bem como nas conversas que realizamos enquanto dispositivos de pesquisa.

Sendo assim, as análises na e pela pesquisa que realizamos pretenderam amplificar tais conexões, "fazendo do ficar com o problema" tessitura sustentadora da análise.

MAS A QUE MODO DE ANÁLISE NOS REFERIMOS?

Habitualmente, afirma-se que um processo de pesquisa lida com dados a serem coletados e, em seguida, procede-se à sua análise. Duas etapas tidas como atribuições do processo de pesquisa a serem seguidas de forma que o momento da coleta de dados antecederia à de análise. No âmbito das pesquisas cartográficas, como pesquisas-intervenção, o dado cartográfico não está dado, pronto a ser coletado.

> Ao promover intervenção, o processo de pesquisa faz emergir realidades que não estavam "dadas", à espera de uma observação. Além disso, há uma temporalidade na emergência dessas realidades, isto é, há um processo cujo término não coincide necessariamente com a conclusão do cronograma da pesquisa (Barros; Barros, 2013, p. 374).

Entendemos que uma realidade não está dada em si mesma e não é dotada de substancialidade, mas, se por um lado, não lida com "dados" no sentido mais tradicional do termo, não se esquiva





SUMÁRIO



do fato de que ela gera efeitos. Numa pesquisa intervenção há produção de realidade, portanto, a tarefa de análise ganha relevo. O conhecimento se constitui como um ato criador (Maturana; Varela, 2005) e se compromete com a análise do processo de pesquisa a ser efetivado, ainda que tal análise não se exerça sobre dados, isto é, sobre uma objetividade tida como independente da própria pesquisa (Barros; Barros, 2013).

Destarte, a análise na nossa pesquisa busca especificar a que ela se volta, tomando a noção de dado em outro sentido. Não se procura acessar e resguardar uma objetividade como algo a ser protegido de supostas investidas subjetivas e objetividade e subjetividade são tomadas como inseparáveis. Diferentemente, voltamos para a dimensão genética dessas experiências, acompanhando o estabelecimento dessas fronteiras entre sujeito e objeto, diferentes a cada vez. Assim procedendo, priorizamos os processos em que sujeito e objeto definem-se mutuamente, um em função do outro. Portanto, a experiência comporta tanto subjetividade quanto objetividade, de modo que esses termos não têm o mesmo sentido que em outras perspectivas de produção de conhecimento. O que move a análise na cartografia são problemas e problemas sendo entendidos como abertura à invenção e à heterogeneidade (Barros; Barros, 2013), os caminhos analíticos em uma pesquisa envolvem operar com atenção por entre pessoas que ocupam a posição de pesquisadoras e pessoas trabalhadoras com as quais se pesquisa.

Essa perspectiva de análise nos lança, ainda, a uma concepção de restituição que rompe com o modo como se tem operado muito frequentemente no âmbito das pesquisas, ou seja, a proposta de uma devolutiva como um momento, uma etapa estanque e pontual do processo de pesquisar. Nessa etapa, que se efetiva, na maioria das vezes ao final da pesquisa, os pesquisadores 'devolvem' ou dizem retornar ao campo empírico no qual a pesquisa se desenvolveu com a finalidade de oferecer aos participantes da pesquisa





SUMÁRIO



um quadro geral dos resultados obtidos. Aqui já vislumbramos uma direção ético-metodológica na qual sujeitos e objetos (problemas) investigados, se colocam em polos diferenciados com funções e objetivos específicos. Uma perspectiva binária com relação ao que se problematiza nos estudos, "parece haver uma verdade objetiva passível de ser encontrada e restituída ao final de um processo de investigação quanto aos sujeitos vinculados à pesquisa que acabam na posição de espectadores, alijados daquilo que eles mesmos possibilitaram" (César *et al.*, 2016, p. 145).

Na direção que trabalhamos não adotamos essa postura. Não buscamos oferecer uma devolutiva, mas uma restituição, que não se refere a essa destinação localizada dos dados coletados dos pesquisadores aos pesquisados. Entendemos que a restituição compõe o processo vivido, se atualiza a partir de um comum na pesquisa, ou seja, conjuramos uma perspectiva binarista que coloca pesquisadores e participantes em oposição. Não sendo a restituição um momento estanque da pesquisa e, sim, o cultivo de um processo que conta com a participação de todos os envolvidos, que transforma modos de pesquisar-intervir, abre novos cursos éticos por onde a vida pode se movimentar e transformar-se (César *et al.*, 2016).

Ora, a restituição se constitui como ingrediente problemático na pesquisa uma vez que se atualiza como o que força a pensar o lugar do pesquisador e do objeto de pesquisa no processo de produção de conhecimento. Colapsa, assim, uma lógica de fazer pesquisa unilateral e pautada numa linhagem de pensamento representacional. Desfaz-se, assim, o lugar do pesquisador como aquele que acumula e detém os resultados da pesquisa e indaga-se o pressuposto de que os resultados são propriedade dos pesquisadores. A restituição desestabiliza, portanto, a ideia de que as informações produzidas estão acabadas, forçando a pensar que no processo do pesquisar mundos coemergem e, dessa forma, os





SUMÁRIO



dados não são coletados em uma realidade já posta, são produzidos no percurso da pesquisa.

Ao ser tomada na sua dimensão processual, a restituição não se restringe apenas a um momento pontual de "retorno ao campo". É antes um exercício transversal que move e produz as direções do pesquisar, faz parte do percurso da investigação, interferindo nos pontos de vista, nas posturas, no surgimento de sujeitos e mundos. Constitui-se como um modo de fazer pesquisa, que é o de pesquisar-intervir. Nas pesquisas-intervenção considera-se a inseparabilidade entre conhecer e fazer, pesquisar e intervir, colocando em curso o necessário exercício ético de acompanhar os efeitos interventivos produzidos no pesquisar. E a intervenção é o próprio plano em que se realiza um "[...] mergulho na experiência que agencia sujeitos, objetos, teoria e prática num plano de produção denominado plano de coemergência" (Passos; Barros, 2009, p. 17). Portanto, é no âmbito da pesquisa intervenção como postura ético-política que perseguimos o rompimento de uma concepção de estudos como ação de um sujeito sobre um objeto, do pesquisador no campo de pesquisa. Perspectivamos a dissolução de relações dicotômicas estabelecidas entre pesquisador e pesquisado e de posições dualistas, afirmando sua relação de inseparabilidade.

O saber, assim, emerge do fazer que, ao mesmo tempo, modifica esse fazer, buscando-se transformar para conhecer. Seguindo essas pistas, podemos analisar o quanto a restituição pode possibilitar esse exercício de avaliação de nossas práticas, pode possibilitar análise de implicação com a pesquisa.

Enquanto dispositivos de restituição na pesquisa começamos pelos retornos comentados via plataforma, bem como pelos retornos emitidos no momento mesmo das Rodas de Conversa. Pela plataforma, os comentários-restituição por parte da equipe pesquisadora visavam ressaltar elementos singulares daquela experiência, elementos esses que diziam dos esforços de vida e trabalho na pandemia de





SUMÁRIO



Covid-19. Elementos singulares[9] que como tal, expressavam aspectos da experiência coletiva transversal à microgestão dos processos de trabalho fortemente abalados pela presença do vírus.

Os comentários possuíam caráter de restituição, ou seja, visa-se a estabelecer "[...] um plano de produção de análises com todos os sujeitos participantes em um movimento de 'mão dupla', o que pode gerar deslocamentos e reposicionamentos relativos tanto à pesquisa quanto à atividade de trabalho investigada" (César *et al.*, 2016, p. 143).

Destaca-se que a restituição na pesquisa teve um curso peculiar dando-se tanto pelos comentários pela plataforma quanto pelos comentários durante o desenvolvimento das Rodas de Conversa via plataforma Google Meet. Destaca-se ainda a instauração de um plano transverso no qual histórias e figurações postadas na plataforma geraram análises nas Rodas de Conversa e vice-versa. Por fim, sinalizamos que no desenrolar da pesquisa constatamos que a plataforma poderia abrigar pequenos "Drops Analíticos" de maneira a dispormos, processualmente em seu ambiente, pequenas doses de restituição.

Rancière (2010) nos lança a uma afirmação da vontade de pesquisar (e viver) como processo que se desenha como um meio sem fim, como um exercício de atenção ao presente, habitando o tempo sem a necessidade ou domínio do saber. A ignorância como um modo de viver é uma aposta na experiência, em toda sua potência, sem divisão: não há separação entre conhecer, viver, pesquisar, percorrer, agir.

9 Aqui nesse texto, consideramos uma diferença importante entre a ideia de singular e individual. Individual refere-se à unidade fechada, ao "eu" pensado como algo delimitado, estável, separado do mundo e aprisionado numa identidade fixa. Já o singular refere-se ao processo vivo e aberto que constitui um sujeito na relação com mundos. É composição única de forças, afetos e conexões e não se reduz a categorias fixas. A singularidade é processual, se constrói e se transforma, considerando-se fluxos, relações e forças que o atravessam, produzindo modos de subjetividade em permanente movimento criador de formas subjetivas. Não é o que diferencia um indivíduo dos outros no sentido comparativo, mas o que nele se atualiza de maneira única em cada encontro.





SUMÁRIO



VOLTAR AOS MEIOS:
O FIM E O PRINCÍPIO, UMA EXPERIMENTAÇÃO INFINITA

El meu cor tot fet de liti
No sabia que els principis
Eren nascuts dels finals
Les cançons són immortals

(Silvia Perez Cruz - "Em moro - Mov.4: El Peso")

O acontecimento da pandemia por Covid-19, agravado pela real crise política brasileira, alavancou inúmeros desafios aos esforços de viver e trabalhar. Diante dos impasses que não cessavam de comparecer com uma pandemia que atingia a todos, ainda que de formas diferentes e em distintas proporções, mas certamente como o lastro de uma experiência que roubou-nos vidas e palavras, foi preciso insistir e resistir inventando meios e travessias ao conjunto de situações difíceis de se precisar:

> [...] o risco de contaminação e de morte; a impossibilidade de despedida dos entes queridos; a transformação da relação com o trabalho; o redirecionamento do tempo com familiares e com o lar; a solidão e a falta dela são alguns exemplos de uma rede de situações que atravessaram os sentidos e as práticas mais generalizadas que organizavam nosso cotidiano (Rodrigues, 2025, p. 2).

Desta forma, as transformações experienciadas naquele momento impactaram nossa relação com o tempo e com as circunstâncias, desdobrando-se em nossos ofícios numa vital e insuspeita situação que exigiu zonas de tateios e produção de outras condições de possibilidades. Assim, perseguir o que "não sabemos que sabíamos", como nos lembra Mia Couto (2011) em seu conto, como uma aposta em invenção e acesso de um modo de pesquisar e linguajar, materializou em encontros com as professoras e professores com os





SUMÁRIO



quais escrevemos, debatemos e produzimos, um lugar impossível, um incomeço e um voltar aos meios como interpolação infinita de composição múltipla e diversa: "através dos detalhes ínfimos da vida ordinária, explicar a superfície pelas camadas subterrâneas e reconstituir mundos a partir de seus vestígios" (Rancière, 2005, p. 49).

Nesse sentido, voltar à lição do mestre ignorante emprestada por Rancière (2010) para nós, não se remete a nenhum indicativo pedagógico, como se pode, desavisadamente, confundir. Antes, a lição nos auxilia a construir planos de igualdade diante a famigerada tarefa de viver e conhecer, ao cruzarmos as vozes, experiências, aprendizagens e invenções das professoras e professores na pandemia com uma pesquisa-intervenção tateante e em conversação, que deslocou o "supostamente próprio" a cada um para a sustentação de um movimento coletivo de análise do trabalho e de pesquisa. O percurso fez aparecer as três dimensões legadas por Rancière (2010) sobre a ignorância do mestre: 1) aquela que demonstra que o mestre ensina o que ignora, como uma espécie de exercício de independência da posse do saber, o que implica a chance de produção deste como tarefa conjunta; 2) uma outra mostra que o que se ensina não se coloca no plano de simples e direta transmissão de informações, mas sim se aprende num trabalho de feitura imbricado de elementos heterogêneos e emergentes em experiência que reconhece uma ligação da vontade à vontade e das inteligências entre inteligências. Isto coloca o saber como aquilo ao qual se pode chegar, construir, não como destino, mas sim como travessia conjunta: do fim ao princípio e somente pelos meios, às bordas e expansões, tal como Alice de Carroll. Só se cresce pelas bordas, disse-nos Deleuze (1974); 3) e por último, que a desigualdade é ignorada como limite irrefutável em prol da afirmação e do princípio da igualdade das inteligências em verificação. A invenção de meios é uma possibilidade de caminhar juntos apostando na fabricação dos problemas e no enfrentamento ao não saber como chance e instrumento.





SUMÁRIO



Essas três dimensões acabam por criar consequências políticas para o pesquisar significativas: a recusa ao embrutecimento, o trabalho em composição e dialogia e o ato de produção do conhecimento como uma aventura intelectual de coragem, emancipação e potência situa os princípios de que todos podem aprender, ensinar, relacionar uma gama de coisas com tudo e produzir desejos de potência.

Se se conhece porque não se sabe tudo, se se pesquisa porque não estamos no campo da predeterminação, a aposta na busca e na problematização frente aos desafios do ofício docente naquele momento operou uma forma de apreender algo das transformações em curso e defender a igualdade das experiências humanas e da linguagem diante das questões em aberto e não das prescrições, apenas. Tornou possível construir uma presença e um encontro mesmo diante da perda suscitada pela crise política e sanitária da Covid-19, apostando no rabo incerto da palavra, como nos diria Guimarães Rosa (2001) e verificando, nas formas individuais ou coletivas, o que nem o real, nem o virtual são capazes de finalizar.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Notas sobre o gesto. **Artefilosofia**, Ouro Preto, n. 4, p. 9-14, 2008.

AMADOR, Fernanda Spanier. Produção de Imagens, Subjetivação e Trabalho Penitenciário: uma contribuição às Clínicas do Trabalho. **Psicologia: Ciência e Profissão** (Impresso), v. 31, n. 2, p. 358-373, 2011.

AMADOR, Fernanda Spanier. Pesquisar-Intervir em Clínicas do Trabalho: a respeito da análise da experiência do trabalho como atividade. *In:* MENDES, Jussara Maria Rosa; WÜNSCH, Dolores Sanches; GIONGO, Carmem Regina. (orgs.). **A investigação no campo da saúde do trabalhador**. Construção do Conhecimento e Estratégias Metodológicas. Campinas: Papel Social, 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1979.





SUMÁRIO



BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Letícia Maria Renault de; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. O problema da análise em pesquisa cartográfica. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 373-390, 2013.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CÉSAR, Janaina Mariana; LUCIANO, Luzimar dos Santos; CARVALHO, Pedro Henrique; ALMEIDA, Ueberson Ribeiro. A devolutiva como exercício ético-político do pesquisar. *In:* SILVA, Fábio Hebert da; CÉSAR, Janaina Mariano; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. (orgs). **Saúde e trabalho em educação:** desafios do pesquisar. Vitória: EDUFES, 2016.

CLOT, Yves. Trabalho e sentido do trabalho. *In:* FALZON, Pierre. (org). **Ergonomia**. São Paulo: Edgard Blucher, 2007.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

CLOT, Yves. **Le travail à coeur**. Pour en finir avec les risques psychosociaux. Paris: Édition La Découverte, 2010a.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010b.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** E outras intervenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELIGNY, Fernand. **Oeuvres**. Paris: Éditions de l'Arachnéen, 2007.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema:** fazer parentes no Chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: Palas Athena, 2005.

MIGUEL, Marlon. Guerrilha e resistência em Cévennes. A cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas. **Revista Trágica**. v. 8 n. 1 p. 57-71, 2015.





SUMÁRIO



OSORIO, Claudia. Experimentando a fotografia como ferramenta de análise da atividade de trabalho. **Informática na Educação: teoria & prática**. Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 41-49, 2010.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In:* PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PÉREZ CRUZ, Sílvia; SOBRAL, Salvador. Em moro – Mov.4: El peso (Directo). *In:* PÉREZ CRUZ, Sílvia. **Toda la vida, un día**. [S. l.]: Universal Music Spain, 2023. 1 disco sonoro.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível:** Estética e Política. São Paulo: Editora 34, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante:** cinco lições sobre a emancipação intelectual. 3 ed . Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

RODRIGUES, Thamara. No rastro do sonho: o tempo e a pandemia da Covid-19 - parte I. **HMagazine: humanidades e dissonâncias.** ago. 2025. Disponível em: https://hhmagazine.com.br/no-rastro-do-sonho-o-tempo-e-a-pandemia-da-covid-19-parte-i/?amp=1. Acesso em: 16 de agosto de 2025.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão:** veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e gestão: níveis, critérios, instâncias. *In:* FIGUEIREDO, Marcelo; ATHAYDE, Milton; BRITO, Jussara; ALVAREZ, Denise. (orgs.). **Labirintos do trabalho:** interrogações e olhares sobre o trabalho vivo. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

TEDESCO, Silvia Helena; PINHEIRO, Diogo Artur Lima. A Clínica da Atividade e o dialogismo bakhtiniano: por uma psicologia do estilo. *In:* AMADOR, Fernanda Spanier; BARROS, Maria Elizabeth Barros de; FONSECA, Tania Mara Galli (orgs.). **Clínicas do trabalho e paradigma estético**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

TEIXEIRA, Danielle Vasconcelos; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Clínica da Atividade e Cartografia: construindo metodologias de análise do trabalho. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 81-90, 2009.